

Editorial

Caros/as leitores/as,

A publicação de mais um número da *Ilha – Revista de Antropologia* acontece num cenário nacional de extrema preocupação. Enfrentamos ainda os efeitos da pandemia do novo coronavírus, seja na saúde, seja na dimensão socioeconômica das nossas vidas. Seis meses após o início das medidas de distanciamento social, estabelecidas em março de 2020 e que reorganizaram a vida de todos os brasileiros, seguimos com um número de mortes crescente, sobretudo entre as classes mais baixas. A pandemia atinge em cheio os povos indígenas que habitam o território brasileiro, ceifando vidas de lideranças fundamentais na luta pelos direitos dessas populações. Crianças e jovens indígenas também foram atingidos por esse vírus e pela inabilidade dos governos em lidar com essa situação e com a particularidade dos modos de existência desses povos. Diante das incertezas que ainda restam em relação ao vírus e às formas de lidar com ele, diante do negacionismo do governo brasileiro em relação ao tamanho e à importância dessa pandemia, a população segue tomando suas próprias medidas, seja para os cuidados com relação à contaminação, seja para “decretar” o fim do problema e não mais seguir em isolamento social. Ao mesmo tempo, vários trabalhadores não têm condições de exercer suas atividades de maneira remota e de voltar ao trabalho enfrentando ainda uma maior ineficiência dos sistemas de transporte que, devido à pandemia, reduziram o número de veículos em circulação. Trabalhadores enfrentam, assim, longas esperas e ainda correm o risco de não conseguir chegar a tempo em seus trabalhos, ou então de enfrentar um ônibus lotado. Se não bastasse o horror de encararmos o número de 138.108 mortes (até 22 de setembro de 2020), ainda queimam nossas florestas: passamos por incêndios devastadores na Amazônia e no Pantanal, queimadas que causaram perdas irreparáveis para esses biomas e que atingem não apenas a vida nesses locais, mas em todo o país.

Sinais de fuligem e de fumaça decorrentes dessas queimadas têm sido encontrados em todo o Centro-Sul do Brasil.

Ainda assim, em um contexto como esse, seguimos acreditando que o pensamento crítico e a pesquisa científica são os melhores caminhos para conhecermos e enfrentarmos situações de crise como a que vivemos atualmente. Em entrevista à *Folha de São Paulo*, no dia 12 de setembro, o antropólogo Bruno Latour comentou que o Brasil vive múltiplas crises, entre elas e de forma mais proeminente, a crise ambiental e a crise política – que explicitam os principais problemas que enfrentaremos como humanidade nas próximas décadas. Para o pesquisador, se o Brasil conseguir enfrentar essas crises e sair delas, pode encontrar soluções benéficas para o resto do mundo. No que nos concerne nesta revista, seguimos promovendo um debate sério sobre os temas que a sociedade brasileira enfrenta. Nesse sentido, o Dossiê que agora publicamos “A Antropologia e as Outras Ciências na Epidemia do Vírus Zika” nos apresenta seis artigos que abordam aspectos diferentes da epidemia do Zika e que trazem luz também para o momento atual. Já na apresentação do Dossiê somos guiados pelos percursos históricos recentes do olhar antropológico sobre a epidemia do Vírus Zika. Nesta apresentação fica evidente não apenas a importância da antropologia e das ciências humanas para a construção de conhecimento sobre essa epidemia, como, sobretudo, o diálogo interdisciplinar fundamental que as pesquisas promovem. Assim, o Dossiê aborda discussões como os processos de transmissão e o lugar das mulheres nas políticas e as práticas de cuidado, as abordagens científicas sobre o vírus em diferentes áreas, seus diálogos e controvérsias, a preocupação com as dimensões éticas da pesquisa e os cuidados com as crianças nascidas com microcefalia, os processos de associação gerados pelas famílias que enfrentam a doença, os itinerários terapêuticos vividos por essas famílias, entre outros temas igualmente relevantes. Todos os textos estão baseados em pesquisas sérias, de caráter etnográfico e antropológico.

Este número fecha com a resenha de “Amanhã Vai ser Maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual”, de Rosana Pinheiro Machado. Esse livro é uma leitura importante para

começarmos a entender as nuances das crises que assolam o país, tal como aponta Bruno Latour na entrevista aqui mencionada.

A *Ilha – Revista de Antropologia* do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC é uma publicação semestral do PPGAS/UFSC que reúne artigos inéditos, resenhas, traduções, ensaios bibliográficos e dossiês temáticos que contribuem para o debate contemporâneo no campo da antropologia. Temos seguido nosso compromisso de divulgação da pesquisa científica no âmbito da antropologia, primando pela seriedade e pelo rigor na produção desse conhecimento. A *Revista Ilha*, seguindo a tendência contemporânea, passou a ser publicada exclusivamente *on-line*, sendo essa uma forma mais ágil e sustentável para a ampla divulgação de nossa produção.

Desejamos a tod@s saúde e boas leituras.

Viviane Vedana
Editora-Chefe